

EDUCAÇÃO AUDIOVISUAL NA ERA DA CIBERCULTURA: uma análise sobre o projeto Oficinas Tela Brasil¹

Alessandra Rios²

Universidade Federal do ABC

Andrea Paula dos Santos Oliveira Kamensky³

Universidade Federal do ABC

Resumo

A maior acessibilidade às tecnologias de captação de imagem e áudio e aos meios virtuais de comunicação tem criado novas formas de se conceber os processos de ensino-aprendizagem em espaços formais e informais de educação na era da cibercultura. Por meio da linguagem audiovisual, torna-se possível a construção de diferentes saberes e conhecimentos por qualquer pessoa munida dos aparatos tecnológicos, tendo o ciberespaço como lugar principal na divulgação e disseminação dos conteúdos produzidos. Somado à isso, notamos o investimento cada vez maior de organizações do setor público e privado em projetos de patrocínio cultural, sobretudo aos voltados à cinematografia. Diante da importância desses eventos na sociedade contemporânea, nos propomos a investigar os processos de educação audiovisual do projeto Oficinas Tela Brasil, partindo do pressuposto teórico-metodológico da educação pelas mídias, com as mídias e para as mídias (GONNET, 2004).

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Educação e Cibercultura, do VIII Simpósio Nacional da ABCiber, realizado pela ESPM Media Lab, nos dias 03, 04 e 05 de dezembro de 2014, na ESPM, SP.

² Graduada em Comunicação Social pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, pós-graduada em Teorias e Práticas da Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero e mestranda em Ensino História e Filosofia das Ciências e Matemática na UFABC. E-mail: alessandrarios@gmail.com. Autora.

³ Graduada em História, mestra em História Social, doutora em História Econômica pela USP e pós-doutora em História da Ciência pela PUC. E-mail: andrea.santos@ufabc.edu.br Coautora.

Palavras-chave: Oficinas Tela Brasil; educação audiovisual; cibercultura; ciberespaço.

1- Uma reflexão sobre a “metáfora do impacto” das tecnologias midiáticas

Muitos são os estudos dedicados à análise dos impactos das tecnologias de comunicação nos processos de produção, distribuição e apropriação de saberes e conhecimentos diversos na contemporaneidade. Parafraseando Pierre Lévy (2010), a “metáfora do impacto”, entretanto, parece inadequada.

Apartar “tecnologia” – neste estudo interessa-nos os equipamentos e mídias virtuais destinados, respectivamente, à produção e difusão de conteúdos audiovisuais em rede – de “cultura” e “sociedade” implica em considerar que a primeira se constitua como autônoma, enquanto as outras duas sejam concebidas como unidades passivas, altamente influenciadas pelo universo material “próprio da técnica” – como consideram, ainda, diversos estudiosos.

Esta colocação remete-nos a uma importante reflexão: por mais que os três elementos citados sejam considerados como “entidades”, há de se levar em conta que as técnicas fazem parte da produção material humana, indissociável do processo de criação (formulação de ideias) e dos signos que os sujeitos criam para atribuir significados à vida e ao mundo ao seu redor (LÉVY, 2010).

As relações devem ser estabelecidas, portanto, não entre “tecnologia”, “sociedade” e “cultura”, mas entre os diversos atores humanos que “inventam, produzem, utilizam e interpretam de diferentes formas as técnicas” (LÉVY, 2010, pág. 23). E esses atores não podem ser vistos somente como indivíduos isolados, mas também integrantes de diferentes sistemas: de organizações (públicas e privadas), de instituições de educação, de grupos sociais diversos, de comunidades virtuais etc, cada qual com suas subjetividades e interesses coletivos.

Trazendo o objeto de estudo desta pesquisa, o “Oficinas Tela Brasil” – um projeto gratuito de oficinas de cinema itinerantes voltado para jovens de comunidades periféricas brasileiras – para o centro do debate sobre as características e implicações

da educação audiovisual na cibercultura e no ciberespaço, consideramos essa reflexão inicial de extrema importância.

Por um lado, os idealizadores do projeto em questão, os patrocinadores, os órgãos públicos e outros, dotados de seus interesses e envolvidos nos processos de produção e divulgação dos curtas-metragens, condicionam formas de se pensar, ensinar, aprender, criar, como também distribuir conteúdos audiovisuais nas redes virtuais de comunicação.

Por outro lado, o uso (até certo ponto) livre das ferramentas de comunicação típicas do ciberespaço, pelos usuários “comuns”, como os fóruns de discussão, os espaços para a troca de comentários, as possibilidades de compartilhamento de conteúdos em canais diversos, as opções de *download*, “abertura”, edição de arquivos em programas gratuitos, criados pelos próprios usuários da rede e baixados gratuitamente na internet e o *upload* do novo conteúdo gerado, bem como o fenômeno da viralização de informações inauguram um episódio sem precedentes na história da humanidade: os usuários passivos dos meios de comunicações tradicionais agora passam a figurar também o lugar de interlocutores e produtores das mídias virtuais, contribuindo para uma mudança no processo de apropriação e de ressignificação das mensagens geradas, podendo até mesmo “sabotar” os interesses das organizações (públicas e privadas), previamente determinados por meio de estratégias de marketing digital e outras.

Sendo assim, e de uma perspectiva mais humanística, propomos nessa pesquisa uma análise dos processos de educação audiovisual no projeto Oficinas Tela Brasil, dentro do contexto da cibercultura, considerando o ciberespaço como canal potencial de reconfiguração dos processos de ensino-aprendizagem e de produção de comunicação na contemporaneidade (CASTELLS, 2009; LÉVY, 2010).

2. O projeto Oficinas Tela Brasil

O objeto de estudo desse artigo consiste na iniciativa “Oficinas Itinerantes de Vídeo Tela Brasil” e faz parte de um projeto maior “Associação Tela Brasil⁴”. Concebidas em 2007, as “Oficinas Tela Brasil”, como são popularmente conhecidas, têm como objetivo levar, gratuitamente, educação audiovisual aos jovens de comunidades periféricas brasileiras, por meio da realização de oficinas presenciais mediadas por educadores e por profissionais do cinema, utilização de materiais *online* e impressos, fóruns virtuais, palestras, *workshops* e outras iniciativas disponibilizadas no Portal Tela Brasil.

Os vídeos têm como temática questões relacionadas à realidade social, política e cultural local, concebidas a partir do olhar reflexivo e discussões promovidas em grupo, entre os próprios alunos, sobre estas questões e transformadas em curtas-metragens do gênero documentário ou ficção.

Ainda sobre o processo de produção dos curtas, cabe aqui outra importante observação: a maioria dos vídeos concebidos dentro das oficinas têm no máximo de sete a oito minutos de duração (embora possam chegar até 15 minutos). Isto porque os principais canais de divulgação desses trabalhos são as redes virtuais de comunicação: *YouTube*, *MySapce*, *Multiply*, *GoogleVideos*, e outros sítios de exibição e compartilhamento de vídeos.

Todo o processo de produção dos curtas-metragens, então, – desde a concepção do audiovisual, passando pela criação, edição, montagem, acabamento estético e divulgação – é pensado levando em consideração as características desses canais: priorização de conteúdos breves para “consumo” rápido, aceitação de diferentes temáticas (salvo certas restrições) entre outras. É interessante também notar que todos os vídeos produzidos nas oficinas são antecidos pela logomarca das instituições que o viabilizam (realizam, patrocinam e apoiam), fator que também pode condicionar o modo de apropriação e interpretação das mensagens contidas nos curtas-metragens.

⁴ Associação Tela Brasil: iniciativa que abriga projetos educacionais e outros voltados promoção (exibição, produção, e distribuição) de cultura audiovisual. Faz parte dessa iniciativa, o projeto Oficinas Tela Brasil, objeto de estudo desta pesquisa.

Atualmente, as oficinas são patrocinadas oficialmente pela Companhia de Concessões Rodoviárias (CCR) e pela Fundação Telefônica Vivo por meio da Lei Rouanet⁵, podendo obter apoio de outras instituições financeiras, governamentais e sem fins lucrativos locais e regionais. São os patrocinadores quem definem os itinerários e as praças onde as oficinas devem acontecer, interferindo direta e indiretamente nos processos de produção e distribuição dos curtas-metragens.

Investigar o contexto no qual se dá o projeto Oficinas Tela Brasil e o processo de produção dos conteúdos audiovisuais – estes mediados por interesses de organizações públicas e privadas, de indivíduos e grupos sociais – é fundamental na compreensão das diversas possibilidades de uso do ciberespaço na reprodução desses produtos culturais, bem como de reinterpretação e ressignificação dos conteúdos audiovisuais na contemporaneidade.

3 O processo de educação audiovisual no Cine Tela Brasil

O aprendizado da linguagem audiovisual, dos processos de produção e distribuição de vídeos vêm se tornando pauta (embora ainda timidamente no Brasil) dos currículos básicos escolares.

Muitos estudiosos defendem que na sociedade contemporânea – lugar marcado pela intensa midiaticização da comunicação – as representações de mundo são essencialmente imagéticas e sonoras. Considerando este cenário, faz-se urgente a implementação de políticas públicas escolares que visem a construção e difusão do audiovisual, já que a disseminação de conhecimentos consiste em um dos principais desafios impostos pela comunicação à educação do nosso tempo (BARBERO, 2009) e esse tipo de linguagem vem se mostrando como uma possibilidade com alto potencial.

Todavia, tão importante quanto possibilitar meios para a aprendizagem e criação de espaço para experimentação e novos usos do audiovisual também é a promoção de reflexões e debates acerca das novas configurações dos saberes e conhecimentos produzidos e mediados a partir do uso dos equipamentos de vídeo e

⁵ Lei Rouanet: Lei Federal de Incentivo à cultura (nº 8.313 de 23 de dezembro de 1991). Institui políticas públicas para a cultura nacional, como o Programa Nacional de Apoio à Cultural (PRONAC). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18313cons.htm.

som, bem como das tecnologias virtuais de informação e comunicação na circulação desses conhecimentos.

Diante da precariedade do sistema de educação básica no País e da lentidão na incorporação da linguagem audiovisual nos processos de ensino-aprendizagem, as instituições privadas vêm encontrando espaço nas políticas culturais para a promoção de projetos de exibição e produção cinematográfica, atrelando os possíveis resultados positivos (na visão das comunidades beneficiadas e nas propagandas que são feitas sobre essas iniciativas) à sua imagem e identidade de marca (JENKINS, 2001; NETO; MARCONDES, 2005), como é o caso do projeto Oficinas Tela Brasil.

Na década de 30 do século passado, o filósofo Walter Benjamin chamava a atenção para a condição de reprodutibilidade técnica da arte por meio dos aparatos tecnológicos de captação de áudio e imagem, fato que possibilitou às pessoas situadas às margens da sociedade a apropriação desses equipamentos e a narração de suas próprias subjetividades e histórias, o que contribuiu para transportá-las do estado passivo ao ativo nos processos de construção de mensagens audiovisuais (BENJAMIN, 2012; SANTOS; RIBEIRO, 2011).

A partir do final do século XX, o maior investimento tecnológico dos fabricantes no desenvolvimento desses equipamentos e consequente queda nos custos facilitou a aquisição de câmeras de fotografia e filmagem, agora disponíveis em versões compactas e celulares de diversas marcas. Se, com as antigas máquinas fotográficas básicas analógicas o uso de filmes era reservado apenas aos eventos familiares mais importantes (como festas de aniversário, casamento, datas comemorativas, viagens de férias entre outras), agora, com câmeras de alta resolução ao alcance das mãos, qualquer acontecimento pode ser transformado em um evento a ser divulgado nos canais do ciberespaço, por meio do registro fotográfico e fílmico.

Essas questões são de considerável importância, especialmente no campo da educação – uma vez que mudou não somente a nossa forma de nos relacionarmos com as imagens e sons, mas também com outros sujeitos e com o mundo a partir do audiovisual – e vêm se tornando objeto de interesse nas pesquisas de antropólogos, sociólogos, filósofos, historiadores e outros profissionais da área de humanidades e das artes.

O especialista em educação e mídias Jacques Gonnet (2004) afirma que os projetos atuais de educação (no mundo) baseiam-se essencialmente em três pilares: educação pelas mídias, com as mídias e para as mídias. Partimos, então, dessa perspectiva teórico-metodológica na análise dos processos de ensino-aprendizagem da linguagem audiovisual no projeto Oficinas Tela Brasil, analisando documentos, como a proposta pedagógica que norteia a iniciativa e a apostila didática utilizada nas aulas. Também consideramos como “mídia”, não somente as virtuais, nas quais circulam os curtas-metragens do projeto em estudo, mas também as digitais para referirmo-nos aos equipamentos e *softwares* de produção e edição do audiovisual.

A educação pelas mídias compreende geralmente o processo de Ensino à Distância (EAD), no qual são disponibilizadas ferramentas de mídia *online* e *off-line* no ensino-aprendizagem de conteúdos diversos. Os formatos geralmente são: teleaulas, cursos por correspondência, educação online etc. Nas oficinas do Tela Brasil, as técnicas de “alfabetização” para o audiovisual são híbridas, mesclando mídias *online* e *off-line*.

O próprio processo de inscrição é feito mediante o preenchimento de um formulário *online*, disponibilizado no portal da iniciativa. Nele, os interessados em participar das oficinas devem mencionar seus dados pessoais, seus interesses pela linguagem audiovisual, bem como descrever, de forma breve, alguma história com potencial para tornar-se ideia e roteiro de um curta-metragem. Os principais critérios de seleção, formulados pelos responsáveis pela iniciativa, compreendem no interesse do jovem com relação ao aprendizado sobre cinema, disponibilidade de horário para realização das oficinas – que geralmente ocorrem em um período inteiro do dia (manhã ou tarde) e em período integral aos fins de semana, por 15 dias consecutivos. A primeira metade do tempo de duração da oficina é destinada ao aprendizado teórico e experimentação da linguagem audiovisual e a segunda metade à gravação e edição dos vídeos produzidos.

As aulas ocorrem em espaços públicos, principalmente em escolas ou comunidades de bairro, e são 100% presenciais, sem a mediação de mídias *online* (como computadores e outros dispositivos com acesso à internet) no processo de ensino-aprendizagem. Entretanto, são disponibilizados conteúdos diversos como vídeos com entrevistas e dicas de profissionais da área de cinema na realização de

vídeos, matérias publicadas em mídias eletrônicas e impressas especializadas no assunto, entre outros para consulta livre dos alunos e de outros públicos que tiverem interesse nas informações.

A apostila didática, denominada como “caderno pedagógico” pela iniciativa, também disponível no portal Tela Brasil em formato pdf, é o principal material utilizado nas aulas e consiste em uma espécie de roteiro, com a “receita básica” de como se deve produzir um curta-metragem: uma história não necessariamente com final feliz, mas dentro da lógica da narrativa cinematográfica tradicional “começo, meio e fim”. Paralelamente ao conteúdo teórico, os jovens realizam atividades práticas dos temas aprendidos nas aulas: testes de iluminação, ângulos de corte entre outras.

O processo de educação com as mídias, refere-se à utilização da metodologia de ensino-aprendizagem voltada à exploração das potencialidades dos diversos meios. Neste estudo interessa-nos os digitais – equipamentos de captação de áudio e imagem e *softwares* destinados à edição de vídeos – e virtuais – utilização dos meios de comunicação em rede, na disponibilização dos curtas-metragens finalizados.

Conforme já mencionado, durante a realização das oficinas, as aulas são divididas entre conteúdo teórico e prático – onde os alunos passam pelo processo de experimentação dos equipamentos de registro fotográfico e de vídeos. As atividades práticas são, entretanto, “controladas”, ou seja, já premeditadas por um roteiro pedagógico, o que não dá espaço aos jovens para a experimentação livre das tecnologias, limitando, desse modo, as possibilidades de criação de novas formas de expressão, utilizando a linguagem audiovisual como suporte.

Já a perspectiva da educação para as mídias tem como intuito oferecer subsídios necessários aos jovens na construção de reflexões críticas acerca do uso dos equipamentos tecnológicos como possibilidade de se criar representações de si e do mundo, bem como da apropriação dos meios virtuais e *off-line* na divulgação de suas produções, tendo a linguagem audiovisual como suporte.

A seguir, expomos alguns dos principais conceitos trabalhados com os jovens nas oficinas, por meio do caderno pedagógico:

- Transformação de uma história em um roteiro de curta-metragem: são apresentados e trabalhados os significados de conceitos básicos sobre a produção de um roteiro cinematográfico, como: sinopse, diálogo, cena, ângulo, enquadramento, planos etc;
- Direção de arte: são abordadas questões relativas à cenografia, figurino, produção, cores predominantes de cena, *check list* etc;
- Processo de filmagem: operação de equipamentos de captação de som e imagem, abordagem de conceitos básicos, como claquete, movimentos de câmera, panorama, ajuste de branco, iluminação entre outros;
- Edição: escolha, recorte e junção de cenas necessárias à montagem de sequências, efeitos visuais, trilha sonora, trilha musical etc;
- Direitos autorais: de uso de som e de imagem;
- Divulgação: exibição em espaços pessoais e comunitários, no evento oficial de lançamento dos curtas-metragens – onde os vídeos são projetados nas telas do projeto Cine Tela Brasil, nas mídias virtuais etc.

A partir dos conteúdos disponibilizados na apostila e trabalhados em aula, é possível observar que o foco está na produção em si dos curtas-metragens – suportes que portarão as marcas de seus idealizadores, realizadores, patrocinadores e apoiadores, bem como seus interesses, crenças e ideologias afirmados e reforçados nos próprios temas selecionados para os curtas-metragens.

Considerando que esse projeto faz parte de ações de incentivo cultural e, portanto, concebido segundo critérios estabelecidos pela política cultural que o rege (Lei Rouanet), a finalidade principal de iniciativas desse tipo está justamente na geração de produtos culturais pelo público que participa do projeto (COELHO, 2012).

É interessante notar que os temas dos curtas-metragens são de “livre escolha” dos participantes das oficinas. Entretanto, durante o processo de reflexão sobre as temáticas elegidas, os jovens são orientados a trazerem à tona cenas de sua realidade a serem incorporadas em suas produções cinematográficas, onde a juventude – geralmente “protagonista” das histórias

– representa, de forma crítica e liberta de preconceitos e estereótipos, o principal agente de mudança das questões apresentadas. Essa posição do jovem, como figura central dos processos de mudança, ciente de seu papel no mundo, acaba sendo irremediavelmente transferida a todo o grupo de envolvidos na realização dessa iniciativa, especialmente das empresas financiadoras – estratégia que contribui para a veiculação desses valores às suas próprias identidades de marca.

Ainda com relação ao uso dos equipamentos de captação de áudio e imagem como parte da metodologia de “educação para as mídias”, cabem, todavia, algumas considerações acerca do processo de edição dos curtas-metragens – escolha de cenas, montagem e lapidação do material bruto. Essa etapa do processo de produção do audiovisual geralmente é feita pelos próprios profissionais que coordenam as oficinas ou, quando feito pelos alunos, sob supervisão desses profissionais, já que o processo de manipulação dos *softwares* para esta finalidade não faz parte do conteúdo trabalhado nas aulas, por questões de indisponibilidade de computadores, segundo os organizadores da iniciativa.

Benjamin (2012) apontava para a questão de que a especificidade do cinema estava no fato de que o filme acabado não era “produzido em um só jato” como são os blocos nos quais os escultores esculpem suas obras de arte, mas sim montado a partir da seleção de uma série de imagens isoladas, entre as quais o editor exerce seu direito de escolha. Como é sabido e reforçado por diversos estudos de comunicólogos, historiadores, filósofos e outros profissionais das ciências humanas, todo o processo de edição e de criação da “atmosfera final” de um conteúdo audiovisual acaba por gerar significações diversas, incorporando de forma direta e/ou indireta as subjetividades de quem o fez (NAPOLITANO, 2010; HAGEMEYER, 2012) – e os interesses dos viabilizadores do projeto, como é o caso do Cine Tela Brasil

A edição, portanto, acaba por interferir irremediavelmente na mensagem contida no audiovisual e na forma como os próprios participantes do projeto e outros sujeitos se apropriam do conteúdo finalizado.

Sobre o processo de circulação *off-line* dos curtas-metragens, os educadores das oficinas incentivam os jovens à exibição de suas produções aos seus familiares e amigos – em suas próprias casas – em espaços públicos de livre acesso à comunidade, bem como em festivais (nacionais e internacionais) de curtas-metragens – para os quais os próprios coordenadores e educadores do projeto podem indicar. Alguns curtas-metragens, inclusive, já chegaram a ser indicados e premiados em eventos nacionais e internacionais da categoria cinematográfica. Também faz parte desse processo a exibição de lançamento dos curtas-metragens que ocorrem oficialmente nas telas do projeto Cine Tela Brasil – evento para o qual os educadores e idealizadores do projeto conferem e incentivam os participantes também a atribuírem maior importância.

Quanto à divulgação na mídia *online*, todos os vídeos produzidos nas oficinas no canal do Tela Brasil são disponibilizados diretamente no *YouTube* e os links são divulgados no portal da iniciativa. Os jovens também são incentivados a publicarem suas produções de forma autônoma em outros canais de exibição e compartilhamento de vídeo pela internet.

A discussão sobre o processo de circulação dos saberes e conhecimentos produzidos (seja de forma *online* ou *off-line*) limita-se, no entanto, estritamente à divulgação dos trabalhos e à descoberta de novas possibilidades criativas e inovadoras de fazer com que os curtas-metragens circulem entre o maior número possível de pessoas.

Diante de todas as análises brevemente realizadas até aqui, percebemos, nas intenções dos viabilizadores do Oficinas Tela Brasil, um forte interesse voltado principalmente ao treinamento dos jovens para o uso dos aparatos tecnológicos de registro de vídeos, envolto em ideais superficiais como “incentivar o jovem ao protagonismo” e “despertá-lo para atitudes curiosas com relação ao mundo”.

Aqui se faz necessário um retorno ao conceito da metodologia de “educação para as mídias”: a produção de conteúdos – neste caso nos interessam os curtas-metragens do projeto em questão – não representa a finalidade principal dentro desse contexto. Os processos de expressão por

meio do audiovisual e de circulação dos vídeos nas mídias *on* e *off-line* não devem reduzir-se simplesmente ao aprendizado técnico; pelo contrário, devem ir além, suscitando reflexões sobre a criação de representações de mundo por meio da arte e do aparato tecnológico, tendo a linguagem audiovisual como suporte, bem como suscitar debates críticos acerca das características das mídias na distribuição e circulação de produtos culturais. A seguir, propomos esmiuçar um pouco mais esses dois processos, partindo de algumas reflexões teóricas.

Já em 1930, Walter Benjamin apontava para a questão da autoalienação humana por meio da representação diante do aparato técnico, no qual o culto à imagem dos atores que figuravam nas obras cinematográficas se apresentava como fator de maior relevância. Essa imagem, entretanto, é destacável do ator, sendo transportada para diante daqueles que as veneram. Não devemos nos esquecer, entretanto, que praticamente um século e toda a revolução dos meios de informação e comunicação nos separam de Benjamin e de suas formulações. Embora muitas delas sejam ainda bastante atuais, é preciso considerar os novos meios de comunicação virtual e possibilidades de integrações diversas entre estes e as mídias *off-line* acabam por configurar novas formas de se perceber essa imagem.

A questão da “aura”, já decadente na visão de Benjamin naquela época, torna-se ainda mais volátil na contemporaneidade. Diante da “democratização” no acesso aos equipamentos de produção do audiovisual e da disponibilidade de diversos canais gratuitos de mídia (sobretudo virtual) para a circulação desses conteúdos, a visibilidade de produtos culturais torna-se contraditoriamente menos visível, dada à alta quantidade, diversidade e qualidade de produções e publicações em rede.

Cientes disso, os idealizadores do Oficinas Tela Brasil investem nos eventos de lançamento dos curtas-metragens, contando com a participação especial de profissionais renomados do cinema brasileiro, inscrição em festivais entre outras modalidades de eventos que tenham a atenção da imprensa local e nacional. Promove-se – em detrimento da exposição positiva das marcas patrocinadoras nas grandes mídias, e da lógica do consumo – a

espetacularização do produto cultural (DEBORD, 2009), onde a imagem que os participantes das oficinas e as pessoas externas fazem do projeto e a possibilidade de se construir uma carreira de sucesso e de fama no cinema são fatores de maior importância.

Por outro lado, e contraditoriamente, nos discursos dos educadores das oficinas e até mesmo dos próprios participantes do projeto existe uma fala comum que diz respeito à possibilidade de democratização da “cultura popular” (para referir-se aos curtas-metragens produzidos) por meio das mídias virtuais. Nessa colocação, o “*glamour*” dessas produções há pouco exaltadas no evento de lançamento e os resquícios de “aura” dos jovens protagonistas, reascendidos temporariamente pela espetacularização midiática se apagam definitivamente.

Também se esvaem, junto com a aura, as possibilidades de discussão sobre a reconfiguração dos próprios conceitos de cultura, onde o “popular” e o “erudito”, o “tradicional” e o “moderno” se misturam, configurando o que Canclini (2013) considera por “hibridização cultural”. Também dentro desse contexto, é preciso pensar na integração “mídia *online*” e “mídia *off-line*”, responsável na constituição das novas formas de se conceber cultura. Essas discussões são atuais na sociedade contemporânea e urgentes nos processos de educação (formal e informal) que utilizam o audiovisual e as mídias virtuais em suas metodologias de ensino-aprendizagem.

Ademais, nota-se nesse projeto, a ausência de um debate efetivo sobre a modificação do próprio conceito de comunicação na era das mídias virtuais, onde também os sentidos de tempo e espaço são radicalmente modificados (AUGÉ, 2013). Como se dá a comunicação nos meios virtuais? De que forma nos relacionamos com as informações que são dispostas e as consideramos em nossos processos de aprendizagem? Como nos preparamos para lidar com o fenômeno da compressão de tempo e espaço – fatores que implicam nas formas de construirmos, fazermos circular e nos apropriarmos de conteúdos diversos na internet? Como gerar novos conhecimentos a partir do relacionamento com pessoas localizadas em espaços diversos pela rede?

Entretanto, essas e outras questões já anteriormente colocadas nesse artigo e que circundam os processos de produção, divulgação e apropriação dos curtas-metragens do Oficinas Tela Brasil não são postas em discussão nesse projeto, o que acaba por limitar as possibilidades de exploração e de reflexão sobre novas possibilidades de se contruir saberes e conhecimentos.

Referências

- AUGÉ, Marc. **Não lugares**. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 2013.
- BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ Editora, 2009.
- BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BRASIL. Lei nº 8.133, de 23 de dezembro de 1991. Dispõe sobre a criação de políticas públicas para a cultura nacional. **Lei Rouanet**, Brasília. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18313cons.htm. Acesso em: 14 de setembro de 2014.
- CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas**. Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 2013.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: Iluminuras, 2012.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.
- GONNET, Jacques. **Educação e mídias**. São Paulo: Loyola, 2004.
- HAGEMEYER, Rafael. **História & audiovisual**. São Paulo: Autêntica, 2012.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo, 2009.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010.
- NAPOLITANO, Marcos et al. **Fontes Históricas**. A história depois do papel. São Paulo: Contexto, 2010.
- NETO, Machado; MARCONDES, Manoel. **Marketing cultural**. Das práticas à teoria. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2005.
- PORTAL TELA BRASIL. **Caderno pedagógico**. Oficinas Tela Brasil. Disponível em:

http://www.telabr.com.br/_conteudo/download/oficinas/caderno_pedagogico.pdf.
Acesso em 07 de setembro de 2014.

_____. Oficinas Tela Brasil. **Apresentação**. Disponível em:
< <http://www.telabr.com.br/oficinas-itinerantes/apresentacao>>. Acesso em 13 de
setembro de 2014.

SANTOS, Andrea Paula; RIBEIRO, Suzana. **Divulgação científica, documentos audiovisuais e construção de performances de oralidades e discursos de memórias de uma comunidade científica da Química no Brasil**. In:
<http://www.mc.unicamp.br/redpop2011/trabalhos/cadernoderesumos.pdf>, 2011;
<http://www.followscience.com/content/divulgacao-cientifica-documentos-audiovisuais-e-construcao-de-performances-de-oralidades-860> Campinas. Caderno de Resumos/Libro de Resúmenes - Anais Eletrônicos XII Reunión Bienal de la Red Pop La profesionalización del trabajo de divulgación científica (29 de maio a 2 de junho de 2011). Campinas: Unicamp/Red Pop, 2011. v. 1. p. 413-414-1-10.